

## **Senhores deputados, senhoras deputadas, caros sindicalistas, jornalistas, dirigentes do DIEESE, .....**

Senhoras e senhores,

É com imensa alegria e orgulho que recebemos nesta Casa hoje os dirigentes do Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas – DIEESE - para a homenagem do legislativo mineiro aos 50 anos de fundação da entidade que ajudou a escrever as páginas mais importantes da história dos trabalhadores e do movimento sindical singular do nosso país. Nessa história, Minas Gerais foi personagem decisivo em vários momentos, contribuindo para a resistência ao autoritarismo, para a consciência e formação da classe trabalhadora e dos movimentos sociais, para a conquista das liberdades democráticas.

Uma sociedade que não tem a consciência do seu passado não logra construir o seu futuro. Poderá repetir erros, desdenhar conquistas e formar gerações sem raízes, comprometendo o percurso transformador que almeja. Ao contrário, refletir sobre a história, inclusive visitando o passado recente com testemunhos vivos, possibilita a crítica necessária aos avanços, pois cada testemunho é o relato da experiência de muitos. ”Registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar”, ensina-nos Antônio Cândido, prefaciando o historiador Sérgio Buarque de Holanda no clássico “Raízes do Brasil”.

Pois estamos aqui reunidos hoje registrando a história do DIEESE, cujo relato é, em boa medida, a história do sindicalismo brasileiro e o fazemos com a presença de muitos que dela participaram, especialmente nos últimos 20 anos.

Criado em 22 de dezembro de 1955, o DIEESE nasce em momento efervescente de crescimento industrial, organização e politização do trabalhador, greves por direitos políticos e por ajustes salariais que explodiam no país. A criação de uma entidade

técnica era iniciativa inovadora que visava preencher uma lacuna identificada nas negociações entre patrões e empregados. Para proteger os salários da carístia – que hoje chamamos inflação – os sindicalistas acirravam as negociações com os patrões e perdiam na disputa dos valores de reajuste. O objetivo era imediato: produzir um índice confiável do aumento dos preços. Assim, os primeiros anos foram de construção e implantação do ainda hoje respeitadíssimo ICV, que logo se tornou peça imprescindível nas campanhas salariais.

Reuniram-se em torno da empreitada em 1955, técnicos e 21 sindicatos de São Paulo. Os dois primeiros desafios: convencer os próprios sindicalistas da importância de tal “economicismo” em um cenário de efervescência política para, então, ganhar o respeito dos empresários. Era preciso reforçar a feição técnica da entidade que nascia.

Feição que o DIEESE consolidou sem deixar de estar, por 50 anos, de modo inequívoco, ao lado do conjunto dos trabalhadores e na defesa de seus interesses. São hoje referências nacionais nada menos de 191 pesquisas e índices do DIEESE, localizados ou globais, entre análises mensais e anuais do próprio IVC, da Pesquisa de Emprego e Desemprego, a PED, e da Pesquisa da Cesta Básica Nacional, o famoso salário mínimo do DIEESE. Tudo isso sem falar dos cursos de formação sindical e dos inúmeros projetos dos quais participa ao lado de diversas instituições, sempre contribuindo para precisar e aperfeiçoar as questões do trabalho e da renda brasileira. Estamos falando de uma entidade sem similar na forma e objetivos de trabalho, com mais de 400 sindicatos, federações, confederações e centrais sindicais filiadas.

Cumprimento, com admiração e carinho, nossos homenageados, que participaram dessa construção. Caro companheiro, deputado federal e economista Virgílio Guimarães, que na reconhecida trajetória política nacional está também sua atuação no sindicalismo e no DIEESE, ainda na fundação do escritório mineiro. Virgílio

presidiu o Sindicato dos Economistas de Minas Gerais, foi diretor da Federação Nacional dos Economistas, assessor técnico do DIEESE de 1977 a 1982, e Diretor Regional do DIEESE em Minas Gerais entre 1983 a 1986.

Homenageamos também uma das maiores expressões do jornalismo e sindicalismo mineiro, o veterano jornalista Dídimo Paiva, que presidiu, nos duros anos da década de 70 o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, pioneiro na filiação ao escritório regional do DIEESE. Mais que uma entidade da categoria, o Sindicato dos Jornalistas em Minas é uma de suas expressões da luta em defesa da liberdade de imprensa, dos direitos humanos, da democracia e da ética na política. A Casa do Jornalista, reconhecida pela sociedade por acolher esses e outros movimentos sociais e políticos; assim o fez naqueles anos duros, com a ousadia do combativo Dídimo Paiva: em 1975, lá estava o jornalista presente ao culto religioso de 7 de outubro de 1975, em São Paulo, pela morte brutal do jornalista Wladimir Herzog, em momento de consternação do país.

O vigoroso processo de organização e formação da classe trabalhadora brasileira, entre os anos 50 e o início da década de 60, havia sido abruptamente interrompido com o golpe de 1964, cuja história conhecemos bem. Nos sindicatos, violenta repressão foi desencadeada com a prisão de lideranças operárias e a extinção sumária de organizações, a proibição do direito de greve, a fixação dos índices de aumentos salariais em substituição às negociações entre patrões e empregados, a criação do FGTS e o fim da estabilidade do emprego.

O DIEESE sobreviveu. Manteve o ICV no auge da truculência militar. Walter Barelli, diretor técnico do DIEESE por 20 anos, conta que a entidade chegou a ser mantida apenas na casa de um funcionário, mas o ICV adquirira tamanha importância que em novembro de 1964, o mês das campanhas salariais, o movimento sindical disse: “não dá para fazer campanha se não tiver o DIEESE”. Foi então retomado o índice.

O DIEESE permanece como peça-chave na resistência aos momentos de maior arrocho salarial; com visão estratégica amplia os instrumentos para assessorar os sindicatos nos tribunais e se multiplica em escritórios regionais nos Estados. Entre os primeiros a serem criados estava o escritório de Minas Gerais.

Só em 1978, o país viveria efetivamente a retomada do movimento sindical. A sociedade exige a abertura política e o DIEESE novamente é protagonista desse momento histórico. Denuncia que o governo manipulou os índices do ano de 1973, relativos ao aumento do custo de vida. O que todos sabiam vem à tona. Um grupo de economistas do Banco Mundial confirma os dados. Sindicatos lançam campanhas pela reposição salarial, que embora não obtenham vitória sobre os reajustes, ajudam a sedimentar um novo tempo. É nesse cenário que conhecemos uma nova liderança sindical, o metalúrgico Luis Inácio Lula da Silva. E já estamos falando da expressão política desse processo social emergente, que seria a criação, num primeiro momento, de uma proposta partidária de esquerda inovadora, o Partido dos Trabalhadores, no início dos anos 80. Pouco mais tarde, em 1983, é criada a Central Única dos Trabalhadores, a CUT, marco do sindicalismo brasileiro. Vêm depois as CGTs. Os sindicatos vivem o seu auge.

É difícil falar aqui, com a brevidade necessária, de um tempo tão fecundo como foram o final dos anos 70 e a década de 80 na luta e resistência operária e popular, na organização da chamada sociedade civil, no renascimento de um Brasil que clamava por democracia política e social. O sindicalismo respondia aos novos desafios impostos pela expansão capitalista dos anos 70; o DIEESE era propositivo e renovador; criava subseções no coração dos principais centros produtivos, fomentando debates e campanhas reivindicatórias de produtividade e outros parâmetros que se confirmariam cruciais para os acordos coletivos e a nova ordem econômica que já se anunciava na Europa.

O resultado político imediato de tanta efervescência é o memorável e decisivo "Movimento das Diretas Já", que marcaria o país. É ainda um Brasil cheio de esperanças e projetos que promulga a sua Constituição Cidadã, em 1988, resultado de embates agora abertos entre setores conservadores e progressistas, com inegáveis avanços institucionais para os direitos sociais e a participação popular. O país construiu assim, com luta e persistência, as suas instituições democráticas, que iriam enfrentar com maturidade outros tantos percalços na década de 90 e no início do novo século, com a ascensão do neoliberalismo.

Vivemos hoje novos desafios e, inegavelmente, uma crise do sindicalismo mundial. A revolução tecnológica de proporções inimagináveis, as privatizações, o crescimento vertiginoso do desemprego, a precarização das relações de trabalho são componentes de um novo cenário não apenas do ponto de vista das relações trabalhistas, mas também cultural. Entretanto, longe de perder a esperança, o Brasil tem dado mostras exemplares de sua capacidade de renovação e superação das adversidades.

Pela primeira vez, em 500 anos, elegeu um governo democrático popular, liderado pelo líder sindical e operário Luis Inácio Lula da Silva. Não sem dificuldades, mas com firmeza, o governo constrói as condições de crescimento e geração de empregos, implementa as mais ousadas e abrangentes políticas sociais da história brasileira, debate a reforma sindical com a pluralidade das representações no país, assume presença decisiva nos fóruns econômicos e políticos mundiais.

É imenso o potencial do sindicalismo brasileiro para se renovar. Muito além de movimentos salariais, nossos sindicatos se firmaram, ao longo de sua história, como interlocutores dos mais diversos setores da sociedade. À frente de seu tempo, o DIEESE construiu estrutura, penetração, credibilidade, instrumentais técnicos capazes de radiografar a sociedade brasileira. É expressão científica e política em diversos fóruns econômicos e sociais.

As frentes de intervenção transformadoras são hoje amplas; abarcam questões ambientais, culturais, sociais, tecnológicas, étnicas, de gênero, de direitos, além das relações de trabalho múltiplas. Todas elas infiltradas nos dilemas imediatos e cotidianos das cidades e do campo, sem deixarem de pertencer ao desafio da construção de um modelo de desenvolvimento sustentável para as gerações futuras. Sabemos que o caminho é a democracia, o seu aperfeiçoamento contínuo para efetivar direitos. Temos em Marilene Chauí que a democracia é a sociedade “verdadeiramente histórica, isto é, aberta ao tempo, ao possível, às transformações e ao novo”. A sociedade democrática não cessa de trabalhar suas divisões e diferenças internas, de alterar-se pela própria práxis, ensina a filósofa. Pois estamos certos do papel inestimável dos sindicatos aí: devem combinar a reaproximação com as bases em torno destas múltiplas questões para as reivindicações cotidianas e o estímulo à participação nas instâncias decisivas da política brasileira. Estão preparados para isso, temos a certeza e a confiança que nos dão a história. Parabéns ao DIEESE, aos dirigentes sindicais, aos trabalhadores brasileiros.